***Nós, judeus poloneses***

Julian Tuwim

Para minha mãe na Polônia
ou para sua amada Sombra

E imediatamente eu posso ouvir a pergunta: "O que você quer dizer - NÓS?" A pergunta que eu concedo é natural o suficiente. Judeus a quem eu estou acostumado a explicar que sou um polonês me pediram [que explique]. Assim também os poloneses, para a esmagadora maioria dos quais, sou e continuarei sendo um judeu. Aqui está a minha resposta para ambos.

Sou polonês porque é o que eu quero ser. Não é para ninguém decidir, mas eu mesmo. Certamente, não é algo que eu deva explicar ou justificar para ninguém de maneira alguma. Não separo poloneses em termos de "sangue puro" e "sangue sujo". Deixo tais classificações de pureza para os defensores do racismo**,** para os nazistas nacionais e estrangeiros. Eu divido os poloneses assim como eu divido os judeus e todas as outras nações entre os inteligentes e os tolos, os honestos e os desonestos, os brilhantes e os estúpidos, os explorados e os exploradores, senhores e farsantes. Eu também divido os poloneses em fascistas e antifascistas. Nenhum desses grupos é, obviamente, homogêneo; cada um brilha com uma variedade de tons e tonalidades. Mas uma linha divisória certamente existe e logo se tornará bastante aparente. As sombras podem permanecer, mas a cor da própria linha divisória irá clarear e aprofundar até um grau acentuado.

Posso dizer que, no campo da política, eu divido os poloneses em antissemitas e antifascistas. Pois o fascismo significa sempre anti-semitismo. O anti-semitismo é a língua internacional do fascismo.

2

Se, no entanto, explicar minha nacionalidade, ou melhor, meu senso de pertencimento nacional, então sou um polonês pelas razões mais simples, quase primitivas. Na maior parte racional, em parte irracional, mas desprovido de qualquer "mística". Ser um polonês não é nem uma honra nem uma glória, nem um privilégio. É como respirar. E eu ainda não conheci um homem que tem orgulho de respirar.

Eu sou polonês porque foi na Polônia que nasci e cresci, que cresci e aprendi; porque foi na Polônia que eu era feliz e infeliz; porque do exílio é para a Polônia que eu quero voltar, mesmo tendo sido me prometidas as alegrias do paraíso em outro lugar.

Um polonês - porque, devido a algum preconceito que não posso justificar por qualquer lógica ou razão, desejo que depois da morte seja absorvido e dissolvido em terra polonesa e em nenhuma outra.

Um polonês - porque me disseram isso em polonês em meu próprio lar paterno, porque desde a infância fui nutrido na língua polonesa; porque minha mãe me ensinou canções polonesas e rimas polonesas; porque quando a poesia me tomou pela primeira vez, foi em palavras polonesas que ela explodiu; porque o que em minha vida se tornou primordial - a criação poética - seria impensável em qualquer outra língua, não importa quão fluente eu me tornasse nela.

Um polonês - porque foi em polonês que confessei os tremores do meu primeiro amor, e em polonês que eu balbuciava a sua felicidade e tempestade.

Um polonês - também porque a bétula e o salgueiro estão mais próximos do meu coração do que as palmeiras e as árvores cítricas, e Mickiewicz e Chopin, mais caros que Shakespeare e Beethoven. Amados por razões que, mais uma vez, não conseguiria explicar.

Um polonês - porque eu tomei dos poloneses algumas de suas falhas nacionais. Um polonês - porque meu ódio aos fascistas poloneses é maior do que o meu ódio aos fascistas de outras nacionalidades. E considero esse ponto particular como uma forte marca da minha nacionalidade.

Acima de tudo, um polonês - porque assim o desejo.

3

“Tudo bem”, alguém dirá, “se você é um polonês. Mas nesse caso, por que 'nós JUDEUS'? ”Ao que eu respondo: PORQUE DE SANGUE. "Então racialismo de novo?" Não, não racialismo em absoluto. Pelo contrário.

Existem dois tipos de sangue: aquele dentro das veias e o que jorra delas. A primeira é a seiva do corpo e, como tal, está sob o domínio dos fisiologistas. Quem atribui a esse sangue quaisquer outras características e poderes biológicos, em consequência e como vimos, transformará cidades em ruínas fumegantes, matará milhões de pessoas e, finalmente, como veremos ainda, trará carnificina sobre seus próprios parentes.

O outro tipo de sangue é o mesmo sangue, mas derramado por esse líder de gangue do fascismo internacional para testemunhar o triunfo de seu sangue sobre o meu, o sangue de milhões de inocentes assassinados, um sangue não escondido nas artérias, mas revelado ao mundo. Nunca desde o alvorecer da humanidade houve tal inundação de sangue de mártir e o sangue de judeus (não sangue judeu, veja bem!) flui nas correntes mais largas e profundas. Seus fluxos de escurecimento já estão fluindo juntos em um rio tempestuoso. E É NESTE NOVO JORDÃO QUE EU COMEÇOU A RECEBER O BATISMO DOSS BATISMOS: A IRMANDADE SANGRENTA MÁRTIR IRMANDADE DOS JUDEUS.

Levem-me, meus irmãos, para aquele vínculo glorioso de Sangue Inocentemente Derramado. Àquela comunidade, àquela igreja quero pertencer a partir de agora.

Que esse alto escalão - o posto de judeu Doloris Causa - seja concedido a um poeta polonês pela nação que o produziu. Não por meu mérito, pois não posso reivindicar nenhum a seus olhos. Vou considerá-lo uma promoção e o maior prêmio para aqueles poucos poemas poloneses que podem sobreviver a mim e estarem conectados com a memória do meu nome - o nome de um judeu polonês.

4

Sobre as braçadeiras que você usou no gueto, a estrela de Davi foi pintada. Acredito em uma futura Polônia em que essa estrela de suas braçadeiras se torne a mais alta ordem concedida aos mais corajosos entre oficiais e soldados poloneses. Eles vão usá-la orgulhosamente no peito ao lado da velha Virtuti Militari. Haverá também uma Cruz do Gueto - um nome profundamente simbólico. Haverá a Ordem do Patch Amarelo, denotando mais mérito do que muitos dos ouropéis presentes. E haverá em Varsóvia e em todas as outras cidades polonesas algum fragmento do gueto deixado em pé e preservado em sua forma atual: em todo seu horror de ruína e destruição. Vamos cercar esse monumento à ignomínia de nossos inimigos e à glória de nossos heróis torturados com correntes feitas de armas de Hitler capturadas, e todos os dias vamos costurar flores frescas e vivas em seus elos de ferro, para que a memória do povo massacrado permaneça sempre fresca nas mentes das gerações futuras, e também como um sinal de nossa tristeza imortal por elas.

Assim, um novo monumento será adicionado ao santuário nacional.

Lá, conduziremos nossos filhos e contaremos sobre o mais monstruoso martírio de pessoas conhecidas na história da humanidade. E no centro deste monumento, sua tragédia reforçada pela magnificência reconstruída da cidade circundante, queimará um fogo eterno. Os transeuntes descobrirão suas cabeças diante dela.

E aqueles que são cristãos se persignarão.

Assim, será com orgulho, orgulho pesaroso, que nos consideraremos na posição gloriosa que superará todas as outras - a posição do judeu polonês, nós que, por milagre ou por acaso, permanecemos vivos. Com orgulho?

Deixem-nos em vez disso e digam: com contrição e com vergonha. Pois foi concedido a nós por causa de seu tormento, sua glória, Redentores!

(…) E talvez eu não devesse dizer “nós, judeus poloneses”, mas “nós, fantasmas, nós, sombras de nossos irmãos abatidos, os judeus poloneses”.

5

Nós judeus poloneses ... Nós, eternos, que pereceram nos guetos e acampamentos, e nós, fantasmas que, através dos mares e oceanos, um dia retornaremos à terra natal e assombraremos as ruínas em nossos corpos não-queimados e nossas miseráveis almas presumivelmente poupadas.

Nós, a verdade das sepulturas e nós, a ilusão de viver; nós, milhões de cadáveres e nós, alguns poucos, talvez um total de milhares de quase não-cadáveres; nós, aquela tumba fraternal sem limites; nós, um cemitério judaico como nunca foi visto antes e nunca mais será visto.

Nós, sufocados em câmaras de gás e transformados em sabão - um sabão que não vai limpar as manchas do nosso sangue, nem o estigma do pecado que o mundo nos perpetrou.

Nós, cujos cérebros respingavam nas paredes de nossas miseráveis ​​habitações e nos muros sob os quais estávamos, representávamos a execução em massa apenas porque éramos judeus.

Nós, o Gólgota, sobre o qual uma floresta interminável de cruzes poderia ser levantada. Nós, que dois mil anos atrás demos à humanidade um Filho do Homem massacrado pelo Império Romano, e essa morte inocente foi suficiente para torná-lo Deus. Que religião surgirá de milhões de mortes, torturas, degradações e braços esticados na última agonia do desespero?

Nós Abies, nós Kikes, Nós Sheenies [1] cujos nomes e apelidos irão um dia exceder em dignidade aqueles de Aquiles, Boleslaus, o Corajoso, e Richard Coeur-de-Lion.

Nós, mais uma vez, nas catacumbas, nos poços sob as calçadas de Varsóvia, salpicando o fedor dos esgotos para a surpresa de nossos companheiros - os ratos.

Nós, com rifles nas barricadas, em meio às ruínas de nossas casas bombardeadas no céu; nós - soldados de honra e liberdade.

“Kike, vá e lute!” [2] Ele fez, Senhores, e entregou sua vida pela Polônia.

“Conhece a piada sobre o guarda-caça judeu? É hilária! O judeu atirava, e poxa como ele sujava as calças do medo! Ha! Ha!"

Nós, que fizemos de cada umbral uma fortaleza, enquanto lar após lar se derrubava ao nosso redor.

Nós, judeus poloneses, crescendo selvagens em florestas, alimentando nossos filhos aterrorizados com raízes e grama; nós rastejando, agachando, sujos e despenteados, armados com uma espingarda antiga obtida por algum feito milagroso de implorar e subornar.

Nós, Jobs, nós Niobes, lamentamos a perda de centenas de milhares de nossas Urszulkas judaicas. [3]

Nós, profundos buracos de ossos quebrados e esmagados e corpos torcidos e retorcidos.

Nós - o grito de dor! Um grito tão estridente que as eras mais distantes o ouvirão. Nós - o Lamento, o Uivo, nós - o Coro cantando um sepulcral *El Male Rachamim* cujo eco será passado de um século para o outro.

Nós - a mais gloriosa pilha de adubo da história com a qual fertilizamos o solo polonês, para que o pão da liberdade seja mais doce para aqueles que sobreviverão a nós.

Nós, os remanescentes macabros, nós - o último dos moicanos, os tristes sobreviventes do massacre que alguns novos Barnum bem podem exibir em todo o mundo, proclamando cartazes multicoloridos: “Super Show! A maior sensação do mundo! Judeus poloneses genuínos. Vivo! Nós, a Câmara dos Horrores, Schreckenskammer, Chambre des Tortures! "Pessoas nervosas melhor deixar o recinto!"

Nós, que sentamos e choramos nas margens de rios distantes, como uma vez nos sentamos nas margens dos rios da Babilônia. Em todo o mundo, Rachel chora seus filhos e eles não são mais. Nas margens do Hudson, do Tamisa, do Eufrates e do Nilo, do Ganges e da Jordânia vagamos, dispersos e desamparados, gritando: “Vístula! Vístula! Vístula! Mãe nossa! O Vístula Cinza ficou rosado não com a cor rosada do amanhecer, mas com a cor do sangue!

Nós, que nem sequer encontraremos as sepulturas de nossas mães e crianças, tão profundas são as camadas, tão amplamente espalhadas por todo o país em um enorme cemitério. Não haverá uma trama sagrada sobre a qual colocar nossas flores; mas, como um semeador semeia grãos, devemos lançá-las num gesto amplo. E um, talvez, encontre o local.

Nós, judeus poloneses ... Nós, a lenda, pingando lágrimas e sangue. Uma lenda, talvez, só serve para ser contada em versos bíblicos: “gravada com uma caneta de ferro e lida na rocha para sempre” (Jó 19. 24). Nós - o estágio apocalíptico da história. Nós - Lamentações de Jeremias

… “Os jovens e os velhos jazem no chão, na rua: as minhas virgens e os meus jovens caíram diante espada; tu os mataste no dia da tua ira; tu mataste e não tiveste pena. ”…

(…) Cortaram a minha vida nas masmorras e atiraram uma pedra sobre mim. Águas correram sobre a minha cabeça, então eu disse: estou cortado! (…) Eu chamei o teu nome, ó Senhor, do baixo calabouço ... Ó Senhor, tu viste o meu erro: julga a minha causa ... Rende-lhes uma recompensa, ó Senhor, segundo a obra das suas mãos! Dê-lhes tristeza de coração, tua maldição para eles. Persegui-os e destrua-os na ira debaixo dos céus do Senhor! ”(Jeremias, 25. 14; Lamentações, 3. 55-66).

\* \* \*

Um enorme e ainda crescente esqueleto-fantasma paira sobre a Europa. De suas órbitas vazias brilha o fogo da ira perigosa, e seus dedos estão apertados em um punho ossudo. É Ele - nosso Líder, nosso Ditador, que ditará nossos direitos e demandas.

|  |
| --- |
|  |

Notas do tradutor

1. O original aqui consiste em uma série de nomes e apelidos para judeus que eram comuns em polonês.

2. No original: “Jojne, idz na wojne!” - “Jonas, vá para a guerra!” - uma rima polonesa bem conhecida que ridiculariza os judeus por sua falta de aptidão militar.

3. Urszulka - a filha do famoso poeta polonês Jan Kochanowski (1530-1584) que morreu em sua juventude. A coleção de elegias de seu pai após sua morte Treny (1580 - “Dirges”) é muito famosa nas tradições literárias e culturais da Polônia. Na tradução original em inglês, “Urszulkas judaicos” foi traduzido como “pequeninos”.

Este material é disponibilizado pela JewishGen, Inc. e pelo Yizkor Book Project com a finalidade de

cumprindo nossa missão de divulgar informações sobre o Holocausto e destruir comunidades judaicas.

Este material não pode ser copiado, vendido ou permutado sem a permissão da JewishGen, Inc. Direitos podem ser reservados pelo detentor dos direitos autorais

1. Alguém pode escolher sua identidade nacional ou étnico-religiosa? Isto é suficiente para a configuração de uma identidade coletiva? Dê exemplos do texto que ilustrem a sua resposta.
2. “Mas uma linha divisória certamente existe e logo se tornará bastante aparente. As sombras podem permanecer, mas a cor da própria linha divisória irá clarear e aprofundar até um grau acentuado.” Qual é o significado desta afirmação?
3. Qual a importância ou que funções cumpre a natureza neste manifesto, e qual é o sentido da seguinte frase? Um polonês - também porque a bétula e o salgueiro estão mais próximos do meu coração do que as palmeiras e as árvores cítricas.
4. Por que a língua (neste caso, o polonês) adquire tanta importância no manifesto de Tuwim?
5. Como definiria o manifesto? Realista, pessimista, idealista, otimista?
6. Por último, que trechos acredita serem os mais interessantes e ou comovedores. Por que?